

REANALISANDO OS ACERVOS ARQUEOLÓGICOS ÓRFÃOS: A COLEÇÃO DA MISSÃO SAN IGNACIO MINI (1610-1631) NO MUSEU PARANAENSE

Evelyn Roberta Nimmo
ernimmo@gmail.com

Pós-doutorado | Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e
Museu Paranaense
PNPD/CAPES

Resumo: Muitas coleções arqueológicas, em vários museus no Brasil e no mundo, são legados do desenvolvimento da disciplina durante o século XX. Essas coleções, chamadas órfãs, possuem poucas informações sobre os contextos arqueológicos e os métodos de escavação utilizados. Os métodos tradicionais de análise não são completamente apropriados aos desafios e as possibilidades oferecidas por essas coleções arqueológicas. Em vez de uma representação apenas dos eventos ou das sociedades relacionados aos artefatos, podemos abordar tais coleções como histórias de vida que incluem a memória de pesquisadores e as metodologias relativas às escavações, a curadoria dos materiais em museus, e os métodos de análise usados pelos arqueólogos no presente. Nesta pesquisa será discutido um acervo decorrente de escavações arqueológicas, na missão jesuítica San Ignacio Mini, desenvolvidas em 1663, o qual será usado como estudo de caso para considerar os desafios e as inovações relacionados aos acervos arqueológicos em museus. A missão, que existiu no vale do rio Paranapanema entre 1610 e 1631, foi uma das primeiras missões espanholas na Província do Guairá. A coleção, sob guarda do Museu Paranaense, localizado em Curitiba, Sul do Brasil, inclui materiais líticos e cerâmicos e poucos documentos sobre a escavação e a análise de artefatos realizada pelo arqueólogo Oldemar Blasi, um dos pioneiros da arqueologia paranaense e diretor do Museu Paranaense entre 1967 e 1983. Como uma coleção isolada, as interpretações sobre a missão são de difícil alcance; por outro lado, quando comparada a outras coleções, pode ser ampliada a compreensão da vida cotidiana na missão. Ainda, a reanálise dessa coleção deve auxiliar na incorporação de metodologias inovadoras que possam ser usadas na interpretação das sociedades no passado, na reconstrução de processos de curadoria nos museus, e também na apresentação destas coleções nos museus.

Palavras-chave: coleções arqueológicas, *entanglement*, museus, missões jesuíticas.

INTRODUÇÃO

No Brasil, como no mundo inteiro, coleções arqueológicas estão armazenadas em museus para garantir a continuação dos recursos culturais e a disponibilidade desses recursos para estudos futuros. No entanto, comumente os museus sofrem com uma quantidade crescente de coleções embora o espaço para as reservas técnicas não tem previsão de crescimento a possibilidade de ampliar. Ao mesmo tempo, várias coleções arqueológicas estão sem documentação, as quais são heranças da época quando os procedimentos documentais dos museus e da própria disciplina de arqueologia não eram padronizados. Considerando uma das primeiras regras definidas pela disciplina, artefatos sem contexto arqueológico não tem valor na análise de sítios arqueológicos, quando então surge a questão: o que fazer com essas coleções órfãs (VOSS e KANE 2012)? Qual é o valor dessas coleções sem informação e documentação contextual nos estudos arqueológicos?

Para elucidar tais questões, esse estudo de caso foca em uma coleção de artefatos armazenados no Museu Paranaense há mais de 50 anos – a escavação arqueológica feita no município de Santo Inácio, PR, no sítio da antiga missão jesuítica San Ignacio Mini. A escavação e prospecção foi realizada entre 1961 e 1963, sendo coordenada pelo Professor Oldemar Blasi, um dos primeiros arqueólogos profissionais do Paraná. Blasi foi estudante dos professores franceses Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire, e do Americano Wesley Hurt, que ajudaram a desenvolver a profissão no Brasil entre os anos de 1950 e 1960. A escavação da missão espanhola foi um dos primeiros trabalhos arqueológicos em um sítio histórico no Brasil.

Esse estudo tem como base a vida social das coisas (APPADURAI, 1988), ou seja, os objetos que usamos no dia a dia estão carregadas com significados através do uso e as interações entre pessoas e objetos. Uma ideia que influencia os estudos na arqueologia é a ideia de a biografia das coisas, ou uma história da vida que desenvolvida através do uso, troca e descarte. Ao longo da movimentação e mudanças, os objetos obtêm significados que poderiam ser lidos para melhor entender a sociedade que usou os objetos e as coisas (BEAUDRY e PARNO, 2016). Na arqueologia, essa ideia foi abraçada para

entender a cadeia completa da confeição dos objetos (ou a *chaîne opératoire*), principalmente os artefatos líticos e cerâmicos, desde a elaboração e uso, até a escavação arqueológica, incluindo processos de intemperismo. Essas cadeias evidenciam sistemas de organização social e trabalho, e mostram também inovações e mudanças culturais. Entretanto, na arqueologia, estes discursos geralmente focam apenas no uso dos objetos no passado, dentro do contexto da sociedade que está sob investigação, e não consideram a vida dos objetos depois da escavação arqueológica.

Recentemente, os arqueólogos estão retomando a discussão sobre a vida social dos objetos, no sentido da movimentação (BEAUDRY e PARNO, 2013; 2016), entrelaçamento ou emaranhamento (*entanglement*, HODDER, 2016) entre as pessoas e objetos, e também relembando a centralidade dos objetos, a cultura material, nos estudos arqueológicos (OLSEN et al. 2012). Na arqueologia simétrica, os proponentes tentam mudar o foco das discussões arqueológicas para o papel ativo (não determinístico) que os objetos têm na prática de arqueologia (WEBMOOR, 2015). Em particular, a ideia de que as coleções arqueológicas são dinâmicas, não estáticas e travadas ao passado, fornece uma forma de abranger as coleções nos museus como coleções contemporâneas, as quais possuem sua própria biografia. Como Olsen et al. (2012, 6) cita, “A arqueologia não descobre o passado como este era; os arqueólogos trabalham com o que tornou-se o que era; o que era, o que está, e o que estava sempre se tornando”. Esse foco nas mudanças dos significados dos objetos ao longo da própria vida reforça o movimento dos objetos não só ao longo do tempo, mas também no espaço e oferece, desta forma, uma oportunidade de repensar as coleções arqueológicas nos museus e as relações entre elas, o passado, e o presente.

Seguindo as ideias da arqueologia simétrica, outra discussão atual é a análise dos artefatos arqueológicos nos museus como ‘coleções’ (*assemblage*, em inglês) contemporâneas (HARRISON, 2011), ou como uma construção contemporânea. Harrison (2011) debate que a ‘coleção’ está construída por meio do engajamento do olhar classificatório do arqueólogo contemporâneo com os materiais do passado, através da relação entre o passado e o presente, e entre um observador externo contemporâneo e um conjunto de atividades realizadas e ‘coisas’ particulares do passado. Assim, as coleções arqueológicas nos museus representam um processo não só das ações de formação e abandono do sítio arqueológico, mas também o ciclo da escavação, análise, curadoria,

redescoberta e reanálise. Essas coleções existem no presente, e representam vários eventos ou sociedades, incluindo a nossa percepção contemporânea da arqueologia, do passado, e os métodos usados para analisar as coleções ao longo do tempo.

Uma outra abordagem inovadora dos objetos arqueológicos e cultura material vem dos novos trabalhos de Ian Hodder (2012, 2016) e outros (por exemplo, INGOLD, 2015) sobre a teoria de entrelaçamento, ou *entanglement*, e as relações entre objetos, humanos e o meio ambiente. “A teoria do entrelaçamento aceita que o mundo material sempre seja social e relacional, ao mesmo tempo em que afirma que as coisas podem fornecer restrições materiais e levar os seres humanos a caminhos” (HODDER, 2016: 18). Como Hodder explica, usando essa teoria, a análise das coisas envolve a “busca das condições de sua existência, que precisa um afastamento das coisas, tanto no espaço como no tempo, para exibir os fios emaranhados que as produzem” (2016, 10). Para Hodder, os fios entre pessoas e objetos, objetos e objetos, e entre pessoas, são relações de dependência, embora esses fios não estejam em redes padronizadas ou bidimensionais pois eles são assimétricos, multidimensionais, e transcendem o espaço e tempo. Essas relações e dependências entre objetos e humanos são importantes nos estudos de coleções arqueológicas nos museus porque oferecem uma maneira de ultrapassar a ideia de uma biografia linear das coisas, permitindo assim que as coleções arqueológicas sejam pensadas como entrelaçamento entre o passado e o presente, ou seja, as relações entre as pessoas que elaboravam e usavam os objetos no passado com os arqueólogos que escavaram e analisaram, com estudos contemporâneos e processos de curadoria dentro dos museus, e também com as pessoas que visitam os museus, entre outros.

Usando uma abordagem influenciada pelos ideais da vida social dos objetos e o entrelaçamento entre humanos e objetos, a análise de coleções com escassa documentação, chamadas de ‘órfãs’ por Voss e Kane (2012), necessita de um estudo do histórico completo da coleção, procurando-se pelas ligações e fios de relações entre objetos, pessoas e espaços. A integração de todas as informações disponíveis sobre a coleção pode trazer um entendimento do processo de escavação e da disciplina e metodologias arqueológica que se desenvolveram ao longo do tempo e como elas estão influenciando as percepções do passado e do presente. Esse desenvolvimento da disciplina é particularmente interessante no contexto brasileiro no qual a arqueologia só se profissionalizou nos anos 60. Portanto, as coleções arqueológicas nos museus

poderiam oferecer uma visão única de como os métodos foram desenvolvidos e implementados no campo, como a análise de artefatos se desenvolveu, como os processos de curadoria e armazenamento evoluiu nos últimos 50 anos, e como esses processos estão influenciando as percepções do passado no presente e a divulgação da informação histórica e arqueológica para o futuro.

A MISSÃO SAN IGNÁCIO MINI

A Província do Guairá, localizada no atual Estado do Paraná, Brasil, tinha como limite ao norte o rio Paranapanema, ao sul o rio Iguaçu, a oeste o rio Paraná e a leste as serras de Guarayrú (PARELLADA, 2011). A região teve um papel importante nos esforços de colonização inicial de Espanha e Portugal, entre outros fatos, pela localização junto à fronteira destes dois poderes coloniais. O Guairá era habitado pelos grupos indígenas Guaraní, assim como o Jê, sendo que o contato inicial foi feito em meados do século XVI com Aleixo Garcia em 1524 e Cabeza de Vaca em 1542 (PARELLADA, 2011). Os Guaraní foram agricultores e ceramistas com uma história de quase 2.000 anos na região sul do Brasil (BONOMO et al., 2015; BROCHADO, 1980). Pesquisas arqueológicas têm mostrado que os Guaraní viviam em grandes casas comunais e produziam cerâmicas para cozinhar e armazenar alimentos, bem como artefatos de pedra lascada e polida (KERN, 2010).

As primeiras cidades espanholas foram fundadas na província de Guairá aproximadamente ao mesmo tempo em que o sistema de *encomiendas* foi posto em prática em 1556 pelo governador da região. Este sistema foi estabelecido em toda a América pela Coroa Espanhola com o objetivo de distribuir o trabalho indígena entre os conquistadores, soldados e outros funcionários. O trabalho era visto como tributo à Coroa, para a qual os *encomendeiros* eram obrigados a fornecer proteção e instrução religiosa para os indígenas (SAEGER, 1981). Na região de Guairá, 100 mil indígenas foram distribuídos entre 300 *encomendeiros* espanhóis na segunda parte do século XVI (MARTINS, 2007). A primeira cidade da região, *Ontiveros*, foi fundada em 1554, seguida por *Ciudad Real del Guairá*, fundada em 1557, e *Villa Rica de Espiritu Santo*, fundada logo depois em 1570 (PARELLADA, 2011). Por causa da proximidade da fronteira com a colônia Portuguesa, a região foi assolada por constantes invasões de Paulistas (mais

tarde conhecidos como bandeirantes) os quais adentravam as aldeias Guaraní com o objetivo de capturar indígenas para trabalhar como escravos na agricultura e minas (AGUILAR 2002; TAUNAY 1924).

A catequização dos indígenas foi considerada necessária pelo Governador de Asunción no final do século XVI como um aspecto importante na colonização da região, sendo a população Guaraní muito superior aos colonizadores espanhóis. Em 1609, com o apoio da Coroa Espanhola, foi fundada a Província Jesuítica do Paraguai pela Companhia de Jesus, a partir do qual as missões de Guairá foram planejadas com o objetivo de concentrar indígenas em reduções e mais facilmente convertê-los ao cristianismo (PARELLADA, 2011). Quinze missões foram estabelecidas dentro dos limites dos rios da Província, sendo as primeiras foram Nossa Senhora Loreto do Pirapó e San Ignacio Mini fundados em 1610 (PARELLADA, 2011). A missão San Ignacio Mini foi fundada a nas margens do rio Paranapanema e cresceu sendo uma das maiores missões na região, que segundo estimativas, ambas as missões possuíam uma população total entre 10.000 e 12.000 habitantes (SCHMITZ, 2010).

O objetivo das missões de Guairá, assim como em outras áreas do mundo colonial espanhol, era o de converter os povos indígenas ao cristianismo através do batismo e catequese. Os missionários também objetivavam “civilizar” os povos indígenas, ensinando-lhes a música e as artes visuais, além de convencê-los a abandonar as suas tradicionais formas de vida, incluindo a poligamia e a antropofagia, por noções mais ocidentais. Em 1617, a missão de San Ignacio Mini abrigava 850 famílias Guaraní, o que incluía 500 crianças que estudavam em um colégio. A missão tinha plantações de videiras, cana de açúcar, milho, batata, amendoim e mandioca, criação de gado, ovelhas e cabras. A missão é também notável por conta de uma das mais importantes cronistas dos Tupi-Guaraní, Padre Antonio Ruiz de Montoya, que viveu nessa missão e escreveu vários tomos documentando a língua, a cultura, e os costumes dos povos indígenas que habitavam a Província (MONTROYA 1639a, b; 1640a, b).

Apesar dos esforços dos jesuítas, as reduções da região de Guairá foram, no entanto, de curta duração. Por volta de 1630 as cidades de *Villa Rica* e *Ciudad Real* entraram em decadência. O Governador do Paraguai descreveu a situação precária nestas cidades, o que incluía a falta de alimentos e de gado, bem como de também de trabalhadores para as *encomiendas*. O Governador observava ainda que muitos dos

espanhóis nas cidades eram idosos enquanto que na região do entorno das missões havia aproximadamente 14 mil índios, sendo que mais da metade vivia em reduções (PARELLADA, 2011). Além disso, as aldeias e reduções sofreram continuamente ataques por Paulistas que objetivavam a captura de indígenas para trabalhar nas fazendas de São Paulo. Entre 1628 e 1630, 50.000 indígenas foram transportados para São Paulo pelos bandeirantes André, Domingos e Baltasar Fernandes (MONTEIRO, 1994). Em uma escalada da violência contra os Guaraní, em 1628 os bandeirantes começaram a destruir missões e capturar os moradores indígenas (BLASI, 1966). Finalmente em 1631, por conta da crescente violência e falta de resposta do Governador da Assunção, os jesuítas decidiram abandonar as duas últimas missões – San Ignacio Mini e São Loreto – e fugir com mais de 12.000 Guaraní, usando balsas e descendo pelo rio Paraná. Eventualmente, os padres restabeleceram a missão San Ignacio Mini na província contemporânea da Misiones, na Argentina (PARELLADA, 2009; SCHALLENBERGER, 1999). Depois do abandono do San Ignacio, os bandeirantes saquearam as missões e atearam fogo para destruir o que permaneceu dessas comunidades.

ARQUEOLOGIA NAS MISSÕES DO PARANÁ

Os estudos em San Ignacio Mini possuem longa história. Em 1853, os engenheiros José e Francisco Keller descreveram as ruínas durante suas incursões ao interior do Paraná (KELLER e KELLER, 1942). Além disso, a Colônia Indígena de Santo Inácio do Paranapanema foi fundada no lado do local da missão em 1862 (CECCON, 2011). Em 1876, Telêmaco Borba também visitou as ruínas de San Ignacio Mini durante sua viagem até os rios Paranapanema e Paraná (BORBA, 1908).

As escavações em missões no Paraná estão entre as primeiras explorações da arqueologia histórica no sul do Brasil. Tais escavações foram realizadas durante uma época de mudanças no pensamento e das teorias da arqueologia no Brasil. Com raízes nas escolas de pensamento histórico-cultural, os primeiros pesquisadores da arqueologia no sul do Brasil estavam interessados em descobrir, registrar, e preservar o patrimônio arqueológico mais que do analisar e interpretar as sociedades antigas (BARRETO, 1998). Durante a década de 1960, a arqueologia no Brasil incorporou práticas e teorias da França e da América de Norte. Pesquisadores franceses, principalmente Joseph Empeaire e

Annette Laming-Emperaire, e arqueólogos dos Estados Unidos, incluindo Wesley Hurt, Clifford Evans e Betty Meggers, ajudaram a desenvolver aspectos metodológicos e teóricos da arqueologia brasileira. Durante essa época o Pronapa (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) foi fundado por Evans e Meggers tendo, então, grande influência sobre os métodos e pensamentos arqueológicos (CECCON, 2011). Nessa época a prática arqueológica focou no empirismo, com pouca consideração sobre método ou teoria, tendo como resultado relatórios descritivos com pouca interpretação (FUNARI, 1997). A escavação e a pesquisa realizada na missão de San Ignacio Mini em 1963 ocorreu durante este período e foi influenciada por esses debates e métodos. Por isso, é importante compreender esse contexto, a fim de aprofundar o trabalho realizado.

Várias escavações foram realizadas junto às ruínas de San Ignacio Mini, incluindo os trabalhos realizados por Blasi (1966, 1971), durante os quais o sítio foi parcialmente escavado e também foi conduzido um levantamento topográfico. Igor Chmyz (1985, 2001; CHMYZ, SGANZERLA e VOLCOV 1990) também fez pesquisas arqueológicas no local. A missão consistia de uma área de aproximadamente 20 hectares, com edificações construídas em torno de uma praça central. A igreja foi construída no lado norte da praça, com vários edifícios pequenos localizados à esquerda da igreja, incluindo as residências dos padres, os escritórios administrativos, e o colégio (SCHMITZ, 2010). No lado direito da igreja localizava-se o cemitério, uma capela e outra pequena construção. Os lados leste e oeste da praça consistiam de habitações retangulares para os convertidos.

Apesar de várias ocupações do local e vários usos, principalmente agricultura e a construção de uma usina no Rio Paranapanema, ruínas da igreja e algumas outras construções ainda hoje são visíveis.

A COLEÇÃO SAN IGNÁCIO MINI NO MUSEU PARANAENSE

Quando se iniciou a análise da coleção, ficou claro que existiam dados insuficientes sobre a escavação, e por consequência, haveria dificuldade para a análise de artefatos arqueológicos para entender mudanças ao longo da ocupação da missão. A coleção arqueológica tem cerca 3.000 artefatos cerâmicos e uma quantidade pequena de material lítico. Algumas descrições do trabalho foram publicadas pelo Blasi (1966; 1971),

porém os relatórios incluíram pouca informação sobre como o sítio foi escavado e muito poucos detalhes sobre a análise dos artefatos. Estava disponível apenas um mapa da missão quando do levantamento feito por Blasi em 1961, uma descrição de uma trincheira em que as escavações foram realizadas, e os números de catalogação dos artefatos. Essa numeração, no entanto, apresentou outros problemas por conta da inconsistência dos números nas peças. Por exemplo, cada fragmento de cerâmica possui um número que começa com 4.63, que refere-se a coleção arqueológica de San Ignacio escavado em 1963, seguido por o número único de catalogação para cada peça. Um outro número também estava incluído na numeração – 0.25, 25.5 ou 5.75 – com variações como 25.50 e 50.75. A coleção também foi dividida em várias caixas com uma mistura de peças de decoração, fragmentos de borda e base, e numeração em cada caixa.

O desafio de como se analisar uma coleção com tão pouca informação tornou-se o foco do projeto tendo em vista o potencial de obtenção de se ampliar o entendimento específico do sítio em análise, mas também pela ampla aplicação à coleções órfãs cada vez mais presentes nos museus do Brasil e resto do mundo.

ANÁLISE CONTEMPORÂNEA DA COLEÇÃO

Para tentar capturar o máximo possível de informações sobre a escavação e a análise de uma coleção, Voss e Kane (2012) descreveram a técnica de entrevistar os participantes no trabalho do campo e laboratório para melhor entender os métodos usados na pesquisa. Devido ao falecimento do Prof. Blasi em 2013, entrevistou-se uma aluna do professor à época (Dra. Claudia Parellada, arqueóloga do Museu Paranaense) que participou das escavações lideradas por ele nos anos 1980 e possui conhecimento dos métodos usados nas escavações. As discussões também ajudaram a elucidar o processo de curadoria usada na armazenagem dos artefatos já no Museu Paranaense. Durante as entrevistas, a Dra. Parellada lembrou de ter recebido várias caixas de documentos da família Blasi depois de seu falecimento, mas que por falta de recursos, ainda permaneciam guardados sem catalogação. O primeiro passo, então, foi a análise desta documentação a fim de se determinar sua relevância quanto a pesquisa conduzida em 1963 e a subsequente análise do material arqueológico.

Os documentos incluíam uma variedade surpreendente de informações de grande valia. Dentro os mais importantes itens da coleção de documentos, encontravam-se as cadernetas de campo do professor Blasi, e dentre as quais, a caderneta por ele usada nas escavações de 1963. Apesar de conter detalhes limitados sobre os métodos de prospecção e escavação, as anotações mostram alguns detalhes importantes para a análise da coleção. Por exemplo, Blasi usou níveis arbitrários nas trincheiras de 25 cm, mostrando que o segundo número marcado nos fragmentos de cerâmica era o nível de onde o objeto foi tirado. Nas conversas com a Dra. Parellada, ela se lembrou que na catalogação, às vezes, eles não colocaram os zeros nos números (por exemplo, 25.5 em vez de 25 – 50) para economizar tinta.

Ainda na documentação de Blasi encontrou-se a planilha criada para analisar as cerâmicas. A planilha, que consiste de um perfil contendo os tipos cerâmicos, as formas, a decoração, a proveniência, dentre outras informações, era um documento importante por vários motivos. A planilha não só mostra a maneira de organizar a coleção de cerâmicas em termos de forma e decoração, a tipologia, mas através dos desenhos que Blasi incluiu na planilha, mostra também que uma grande quantidade das cerâmicas da coleção foi restaurada em formas completas. Considerando que em nossa análise não se achou nenhuma forma restaurada da coleção tal qual foi armazenada, entende-se que a maioria dos fragmentos podem ter sido colados para restaurar os vasilhames, assim ajudando na análise das formas e usos de cerâmicas, e para melhor entender os processos que criaram o sítio arqueológico.

Os documentos também incluíram outras informações que ajudaram no entendimento das escavações e métodos arqueológicos usados para pesquisar o sítio, como anotações de uma viagem para Espanha e Portugal que Blasi fez em 1964 e transcrições dos arquivos históricos que ele estudou na viagem, os quais em sua maioria ainda hoje não estão disponíveis *online*.

Considerando todos as informações obtidas neste trabalho, o projeto segue um caminho baseado nos fios e emaranhamentos ou entrelaçamentos entre os vários passados, os objetos e pessoas, e o presente. Por exemplo, a partir das informações disponíveis na planilha de Blasi, iniciou-se a restauração das cerâmicas. Neste processo de restauração, ficou claro que diferentes fragmentos do mesmo vasilhame foram retirados dos três níveis de escavação. Esse fato mostra que poderia ter havido

perturbações no sítio arqueológico depois do abandono da missão, erros no processo de escavação resultando em uma mistura de fragmentos, ou os níveis arbitrários de 25 cm realmente representam um depósito único que possivelmente foi criado durante a destruição da missão. Por meio desse emaranhamento, pode-se entender que os métodos usados nos anos 1960 estão interligadas não só com a maneira de analisar a coleção contemporânea, mas também criaram ligações entre o tempo do uso e a destruição da missão, e a interpretação da coleção hoje em dia.

A cultura material foi toda registrada em um banco de dados para sua análise. Nesse processo, a intenção foi de desenvolver um banco de dados que mostra as redes de informação que representa a coleção como um *assemblage*: reconstruindo a história da coleção desde a ocupação da missão no século XVII, passando pela escavação e análise nos anos 1960, até a curadoria e reanálise contemporânea. A meta é focar nas interligações entre a documentação da escavação e levantamento arqueológico de Blasi, os documentos do Museu Paranaense na curadoria da coleção, as fotos do trabalho do campo tirado por Vladimír Kozák, as transcrições de documentos históricos feito por Blasi, a pesquisa nos arquivos históricos e a literatura feita por ocasião deste estudo, assim como os objetos e artefatos, e a memória dos funcionários que trabalharam com a coleção.

Esse registro de todos os tipos de informação ligadas à coleção fornece oportunidades para o melhor entendimento da vida nas missões Guaraní no passado, mas também dos métodos usados nas escavações durante o desenvolvimento da arqueologia no Brasil, além de auxiliar no desenvolvimento e metodologias e maneiras de guardar os recursos arqueológicos para o futuro. Por exemplo, considerando as informações obtidas durante a pesquisa, encontrou-se uma caderneta do campo de 1959 de Wesley Hurt, arqueólogo americano que ajudou a desenvolver a disciplina no Brasil e mentor de Blasi. A caderneta, atualmente parte do acervo do Museu Paranaense, mostra a maneira pela qual Hurt anotava o dia-a-dia em campo e em especial suas observações relativas a condução da pesquisa e prospecção arqueológica. Quando se compara a caderneta de Hurt com as de Blasi, notou-se que o último seguiu o mesmo método para documentar os acontecimentos e observações de campo utilizado por seu mentor, e que tais métodos foram mantidos ao longo de sua carreira; tal achado mostrou-se de grande valia para a contextualização da metodologia utilizada por Blasi e para uma análise contemporânea mais profunda e completa de sua coleção. Assim, os significados dos objetos e

conhecimentos em vários passados são interligados e embrulhados com pessoas, espaços e tempos diferentes, todos que influenciam o olhar arqueológico contemporâneo.

Na criação dessas redes de informações, a coleção não é só uma coleção órfã na reserva técnica do Museu Paranaense, mas torna-se uma *assemblage* contemporânea que pode ser acessada pelo público e usada como uma coleção comparativa por outros pesquisadores trabalhando com sítios das missões no Sul do Brasil e outros locais na América Latina.

CONCLUSÃO

As coleções arqueológicas para as quais faltam informações completas sobre suas pesquisas ainda têm valor arqueológico, porém os métodos de análise e interpretação necessitam evoluir. É importante repensar como os arqueólogos consideram essas coleções. Não podemos considerá-las somente como artefatos de métodos antigos sem uso para pesquisas atuais, mas sim como coleções em contínua análise que refletem as atividades humanas de vários passados, a historiografia da disciplina da arqueologia no Brasil, e como os museus e a ciência da curadoria está em constante evolução.

Além disso, é essencial considerar a apresentação e exposição dessas coleções, para que sejam analisadas e visitadas pelo público. No processo de se mostrar as interligações entre os vários tipos de dados e informações como entrelaçamentos, a coleção se tornou mais dinâmica, permitindo que outros pesquisadores possam fazer uso destas redes para criar outras ligações e conhecimentos conectados aos outros sítios ou disciplinas, aumentando assim o universo de emaranhamentos entre pessoas e objetos no passado e presente.

Na prática da arqueológica contemporânea, há necessidade premente de preservar e guardar todos as informações que estão ligadas a uma coleção arqueológica, particularmente considerando-se que os museus são repositórios para recursos culturais a serem pesquisados e analisados no futuro. Nos últimos 20 anos tem havido crescimento constante da arqueologia de contrato, ou resgate, ligada aos processos de licenciamento ambiental, que por consequência, geram a necessidade de se criar espaços e condições adequadas para se manter as reservas técnicas e assim se manter o patrimônio cultural de forma perpétua dentro dos limites possíveis no século XXI. A responsabilidade recai

sobre museus regionais e estaduais, como o Museu Paranaense, de manter as coleções frutos destes estudos, os quais, muitas vezes, não estão preparados para armazenar todos os diferentes tipos de dados incluídos nas coleções arqueológicas, como informações digitais, fotos, documentos, dentre outros. Ainda, é indispensável que as novas pesquisas e suas coleções resultantes sejam acompanhadas de documentação adequada. Nesse contexto, é extremamente importante demonstrar os problemas decorrentes para a análise quando essas informações não estão disponíveis. Essa pesquisa destaca a necessidade de se desenvolver padrões e práticas quando da realização de resgates arqueológicos e seu destino posterior para garantir que os futuros pesquisadores não enfrentem desafios semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, J. C. 2002. *Conquista Espiritual: A história da evangelização na província Guairá na obra de Antônio Ruis de Montoya, S.I. (1585-1652)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana.

APPADURAI, A. (org.). 1988. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

BARRETO, C. 1998. "Brazilian archaeology from a Brazilian perspective". *Antiquity*, 72 (277), 573–81.

BEAUDRY, M.C., & PARNO, T.G. (orgs). 2013. *Archaeologies of Mobility and Movement*. New York: Springer.

_____. 2016. "Arqueologías de La Movilidad: Cruzando los Limites Espaciales y Temporales." *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 10 (2): 5-24.

BLASI, O. 1966. "Investigações arqueológicas nas ruínas da redução jesuítica de Santo Inácio Mini ou Ipaumbucu, Paraná, Brasil. Nota Prévia". *Anais do 36º Congresso International de Americanistas* 1: 473-80.

_____. 1971. "Investigações arqueológicas nas ruínas da redução jesuíta de Santo Inácio Mini ou Ipaumbucu – Paraná". *Revista do Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológica*, Curitiba, 16: 4-10.

BONOMO, M., COSTA ANGRIZANI, R., APOLINAIRE, E., & NOELLI, F.S. 2015. "A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil". *Quaternary International*. 356: 54-73.

BORBA, T. 1908. *Actualidade indigena*. Curitiba: Imprensa Paranaense.

BROCHADO, J.P. 1980. “A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul”. *Clio*, Recife, III: 47-60.

CECCON, R.S. 2011. *Em busca de uma “Arqueologia Brasileira”*: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011.

CHMYZ, I. 1985. “Pesquisas de arqueologia histórica no Paraná”. *Dédalo*, São Paulo, 24: 171-97.

_____. 2001. “Pesquisas arqueológicas nas reduções jesuíticas do Paraná”. *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, 15: 39-58.

CHMYZ, I., SGANZERLA, E. & VOLCOV, J. 1990. “O projeto arqueológico Rosan-Taquaruçu e a evidenciação de estruturas arquitetônicas na redução jesuítica de Santo Inácio Menor”. *Arqueologia, Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*, Universidade Federal do Paraná, 6: 1-54.

FUNARI, P.P.A. 1997. “European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history”. *Journal of European Archaeology*, 5(2): 137-48.

FURLONG, G. 1962. *Misiones y sus pueblos de guaranies*. Buenos Aires: Imprenta Balmes.

HARRISON, R. 2011. “Surface assemblages. Towards an archaeology in and of the present”. *Archaeological Dialogues*, 18(2): 141–61.

HODDER, I. 2012. *Entangled. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Oxford: Wiley Blackwell.

_____. 2016 *Studies in Human-Thing Entanglement*. Creative Commons.

INGOLD, T. 2015. *The Life of Lines*. New York: Routledge.

KELLER, J. & KELLER, F. 1942. “Exploração dos rios Tibagi e Paranapanema [1865]”. In: A.N. Pereira (org.). *Aspectos meridionais do Brasil*. Curitiba: Editora Guaíra.

KERN, A.A. 2010. “Do Guairá ao Rio da Prata: jesuítas e Guaranis na missões coloniais do Brasil Meridional”. In: *Seminário internacional. Indígenas, missionários e espanhóis: o Paraná no contexto da Bacia do Prata séculos XVI e XVII* (2009). Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Cultura.

MARTINS, M.C.B. 2007. “Acerca da guerra e da paz nas crônicas jesuíticas das reduções: o caso da conquista espiritual de Montoya”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, XXXIII (1): 133-48.

MONTEIRO, J.M. 1994. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.

MONTOYA, A. R. de. 1639a. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Iesus en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay, y Tape*. Madrid: En la imprenta del Reyno.

_____. 1639b. *Tesoro de la Lengua Guarani*. Madrid: Juan Sanchez.

_____. 1640a. *Arte, y bocabulario de la lengva gvaraní*, Madrid.

_____. 1640b. *Catecismo de la lengva gvaraní*, Madrid.

OLSEN, B., M. SHANKS, T. WEBMOOR, & C. WITMORE. 2012. "Introduction: Caring about Things". In: B. Olsen, M. Shanks, T. Webmoor, e C. Witmore (orgs.). *Archaeology: The Discipline of Things*. Berkeley: University of California Press.

PARELLADA, C. I. 2009. "O Paraná espanhol: cidades e missões jesuíticas no Guairá". In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (org.). *Missões: conquistando almas e territórios*. Curitiba, Brazil: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.

_____. 2011. Resistência e mudança Guarani: a linguagem visual nas missões jesuíticas do Guairá (1610-1631). In: IX RAM – *Reunião de Antropologia do Mercosul: "Culturas, encontros e desigualdades"*, Curitiba, PR, 10 a 13 de julho 2011.

_____. 2013. "Revelando a Arqueologia das Fortificações no Paraná". *Revista Memore*, 1(1): 141-56.

SAEGER, J.S. 1981. "Survival and Abolition: The Eighteenth Century Paraguayan Encomienda". *The Americas*, 38(1): 59-85.

SCHALLENBERGER, E. 1999. "Missões no Guairá: espaço e territorialidade". In: R.M.A.F. Gadelha (org.). *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo: EDUC.

SCHMITZ, P.I. 2010. "A arqueologia e as primeiras reduções jesuíticas". In *Seminário Internacional. Indígenas, Missionários e Espanhóis: o Paraná no Contexto da Bacia do Prata Séculos XVI e XVII* (2009). Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Cultura.

TAUNAY, A.E. 1924. *História geral das bandeiras paulistas, Tomo I*. São Paulo: Typ. Ideal.

VOSS, B. L. & KANE, M. 2012. "Re-establishing Context for Orphaned Collections: a case study from the Market Street Chinatown, San Jose, California". *Collections: A Journal for Museum and Archives Professionals*, 8(2): 87–112.